

AS NOVAS DIMENSÕES DO GRAFITE: SUA EXPRESSIVIDADE NA CIDADE DE BAURU – SP

THE NEW DIMENSIONS OF THE GRAFFITI: ITS EXPRESSIVIDADE IN THE CITY OF BAURU - SP

Júlio César Riccó Plácido da Silva¹
Omar Khouri²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar as novas formas de expressão alcançadas pelo grafite, sendo visto como fator chave na interação de linguagens urbanas. Para tanto foi feito um apanhado geral sobre sua história no mundo e no Brasil, sua interação com as novas tecnologias e sua expressividade na cidade de Bauru – SP.

PALAVRAS-CHAVE: grafite, grafismo, linguagens urbanas

ABSTRACT: The present article has as objective to analyze the new forms of expression reached by the graffiti, being seen as factor key in the interaction of urban languages. For in such a way apanhado on its history in the world and Brazil, its interaction with the new technologies and its expressividade in the city of Bauru - SP was made general.

KEY WORDS: graffiti, graphics, urban languages

1. Introdução

Os registros de rabiscos, ou imagens realizados pelo Homem ao longo da sua vivência, e aqui entendidos como grafismos, são práticas existentes desde a antigüidade e servem de estudo para diversas ciências, assim arqueólogos e historiadores procuram desvendar e identificar esses registros valiosos e que revelam a vida de nossos ancestrais.

Hoje, tais grafismos são encontrados em diversos registros de nossa sociedade, como nossa caligrafia, a tipografia, o grafismo urbano, a publicidade, a sinalização urbana, o pôster, a ilustração, a imprensa, as revistas, entre outras, que também não fogem de serem registros valiosos e que expõem nosso cotidiano a um futuro próximo.

Assim, o uso da palavra grafismo não só serve para identificar as pinturas rupestres da antigüidade, mas também para representar os novos registros da atual sociedade, onde são geradas perante as novas tecnologias propiciadoras de inovadoras formas de grafismos.

¹ Júlio César Riccó Plácido da Silva, Mestrando em Artes, PPG em Artes / IA – UNESP – São Paulo - julioricco@uol.com.br

² Omar Khouri, Doutor em Comunicação e Semiótica, PPG em Artes / IA – UNESP – São Paulo - omarkhouri@gmail.com

A etimologia da palavra grafismo, segundo Fonseca (1981), deriva-se do grego e está vinculada ao desenho, considerando a escrita uma espécie particular de desenho, o sentido da palavra flutua entre a caligrafia, onde se identifica a qualidade dos caracteres escritos, e o da geografia, que significa a descrição mais complexa do mundo e sua representação.

Referente a essa etimologia identifica-se que o grafismo se utiliza de códigos comunicacionais que sejam comuns aos seus usuários e ao meio onde ele é usado por meio da utilização de diversos suportes.

Entretanto o grafismo aqui será investigado e registrado em sua forma mais representativa e artística, devido às alterações dos códigos comunicacionais e gerações de redes de linguagem não só entre seus criadores, mas também em indivíduos co-participantes direta ou indiretamente de sua elaboração e recepção, e que são distribuídos no meio urbano e são nomeados grafitagens, seja ele forma de pichações ou grafites.

Neste artigo, o grafite ou a pichação não serão entendidos como uma forma de poluição visual, mas sim apontados como fator chave na interação de linguagens urbanas num intercâmbio contínuo. Como exemplo, será utilizado imagens do grafite urbano encontrado na cidade de Bauru (SP).

2. A nova dimensão do grafite

A pichação passa a ter repercussão mundial a partir de maio de 1968 na França, quando deixou de ser apresentada apenas em sua forma tradicional, exposta em lugares com pouca visibilidade, como guetos, terrenos baldios e mictórios, onde os cartazes e grafismos políticos e publicitários, segundo Jean Baudrillard (1979), haviam conquistado os muros de forma ofensiva e vinham sofrendo intervenções dos usuários sob forma de pichações. Neste momento o próprio suporte, o muro, passa a ser conduzido a uma mobilização selvagem, onde as inscrições começam a ser utilizadas como uma forma de protesto e de reivindicações migrando, segundo Fonseca (1981), para o redor e para os muros internos de Sorbonne.

Essa forma de expressão contrariou a política da época e conduziu à novas formas de protesto onde ganhou força e difundiu-se pelo mundo, criando sociedades alternativas. As mudanças que ocorreram na França repercutiram em seqüência na cidade de Nova Iorque, em 1972, não se restringindo apenas ao entorno de Universidades, mas subindo as cidades e surgindo não só nos muros, mas em tapumes dos guetos, em ônibus, elevadores, galerias,

monumentos, caminhões e nos metrô, atingindo assim a sua radicalidade máxima (FONSECA,1981).

Devido às tensões raciais, as pichações adquiriram uma nova forma estética com alto nível artístico, gerando uma série de discussões entre os artistas da época. Essa mudança fez com que os grafiteiros começassem a ser identificados por meio de assinaturas características dessa manifestação, onde as obras são assinadas apenas circunstancialmente.

Essa nova forma de expressão difundiu-se de forma espantosa não só pela sua qualidade estética, mas também pelas inovações na tinta spray, com cores cada vez mais vibrantes. Assim, tornou-se fonte de renda para determinados indivíduos de classes sociais mais baixas, sendo também utilizada para revitalizações de espaços públicos e lugares abandonados.

No Brasil o movimento inicia-se em 1979, por influência dos grafites da França e de Nova Iorque, mas numa situação diferente das demais, sem a necessidade de expressar protestos ou fazer reivindicações. Os primeiros grafites surgiram aos redores das Universidades de São Paulo, pelas mãos de pessoas de melhor situação social, com um alto índice de alfabetização, onde tais inscrições desafiavam o humor e a sensibilidade (FONSECA, 1981).

Sendo basicamente uma iniciativa de poetas que, por consequência da contracultura, utilizavam o verbal como forma de expressão, onde seus poemas poderiam ser vistos como objetos vivos e autônomos em um novo suporte, abrindo caminhos para experimentações inovadoras da poesia, em um meio à via pública atingindo um grande número de pessoas.

Tais ações tanto são executadas em locais protegidos como em espaços abertos, sujeitos a deteriorização por exposição às intempéries e às intervenções alheias, até mesmo por outros grafiteiros, sendo, portanto, obras constantemente abertas a diversas interferências.

Com a grande propagação no meio urbano, ocorreu um fenômeno interessante, hoje se verifica uma valorização dos grafites fazendo com que sejam reconhecidos como obra de arte, deslocando-se do meio urbano, desvinculando-se das artes marginais e transformando-se em obras de artes valiosas. O grafite passa a migrar de seu suporte original e ganhar as galerias de arte, inclusive tendo alta valorização.

No entanto, quando inserido em uma galeria o grafite se torna incompleto em seu poder comunicativo, pois é restrito a conter sua significação em si mesma quando desvinculado do meio urbano em que seu suporte é o principal meio da intervenção. Contudo,

foi essa valorização que despertou o interesse profundo de pesquisa relacionado aos seus meios comunicativos e processo de interferência no meio urbano.

3. O palco das conversações perante as novas tecnologias

No meio urbano dos grandes centros identifica-se o surgimento da poética do grafite como uma consequência da crise na linguagem, pois surge em meio a rupturas e recriações de formas poéticas que segundo Fonseca (1981) denomina-se a poesia do acaso.

Essa poesia do acaso, que foi regida por uma aparente casualidade entre os jovens e poetas no Brasil transformou a simples pichação em um grafismo, devido a uma mudança de seus códigos lingüísticos, quando foram trocados para traduzir de forma clara certos termos, antecipando a má compreensão dos códigos. Estes não necessitam apenas ter traços poéticos, pois a poética não é apenas uma ciência da linguagem, também compartilha com outros sistemas de signos que não só diz respeito à arte verbal, mas a todas as espécies de discurso que podem ser representadas por subcódigos. (JAKOBSON, 1974).

A troca de códigos pode induzir a uma rede de sentidos que convive no meio urbano repleto de diversos modos de comunicação, que não são acessíveis a todos os indivíduos, pois confrontam modos hegemônicos de conversação, uma vez que são mensagens codificadas. Essa comunicação relaciona-se a um palco de conversões onde cada grafismo ganha um local específico, um endereçamento não móvel, sendo capaz de ampliar sua rede conversacional em locais específicos onde há intenção de comunicar algo. Assim, o grafismo pode ser concebido como um linguajar.

As novas tecnologias, propiciadoras das mutações artísticas que fazem emergir novas formas de representação e experimentações de subcódigos, multiplicam-se a cada dia, criando lugares livre para troca de informações e divulgações, exigindo do indivíduo maior participação ativa e interativa perante o meio.

Os meios que fazem emergir essas possibilidades são as redes telemáticas, que devem ser exploradas artisticamente, por evidenciar uma via que estimula experiências artísticas em uma rede de mundos virtuais que se tornam lugares de experimentos, transformando-se num novo dispositivo de elaboração e percepção por outros indivíduos. Assim, o mundo virtual unifica todos os esforços artísticos, criando um meio midiático de grande importância no século atual, em um ambiente rico de possibilidade de trocas.

Com a virtualização, os indivíduos migram para sistemas de realidade virtual que permitem trocas, além da integração dinâmica de diferentes modalidades perceptivas, em que é possível reviver uma experiência sensorial com outras pessoas que partilham dessa mesma forma de expressão. (LÉVY, 1996).

4. A presença do grafite na cidade de Bauru (SP)

Bauru é um município que se localiza no centro do estado de São Paulo, onde vivem 347.601 habitantes (IBGE, 2007) e é o maior município e principal centro econômico do Oeste Paulista, principalmente conhecida pelo sanduíche, que leva o nome da cidade para todo o Brasil.

Apesar do alto índice populacional e de desenvolvimento econômico, a cidade parece ter passado um tempo estagnado em relação aos movimentos artísticos e investimentos em projetos culturais, provavelmente em função do distanciamento dos grandes centros e ao fato de a cidade ter diminuído seu ritmo de crescimento, o que acarretou num atraso no desenvolvimento cultural. Entretanto, a cidade já compartilha das informações do mundo virtual e recebe crescentes influências desse meio, o que pode ser sentido, inclusive, nos grafites, embora com pouca expressividade.

5. Exploração fotográfica

A ligação dos grafites urbanos da cidade de Bauru com os dos grandes centros será identificada por meio de fotografias dos principais locais onde se pode visualizar essa forma de expressão, percorrendo toda a cidade.

Para tal mapeamento, foi utilizada a fotografia, aqui entendida como pouco fiel em relação ao poder de sua comunicação do grafite, que deve ser analisado como um todo, pois sua leitura é condicionada ao seu entorno, onde está incrustado em paredes, ruas, bairros em uma ligação intrínseca a cidade. Por isso, a fotografia será utilizada para expor e registrar as diversas formas de grafismos que não se utilizam do verbal como forma de comunicação e que fazem parte de uma rede imagética no meio urbano.

Foi analisado em Bauru mudanças da linguagem expressa pelo grafite relacionada tanto à sua localização na cidade, como ao grupo que o desenvolve. Os grafites foram

divididos em dois grupos que se relacionam aos pontos onde estão inseridos, no centro (figuras 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08 e 09) e na periferia (figuras 10,11 e 12) da cidade. Um terceiro grupo é também analisado como forte influência, em que o grafite vem sendo desenvolvido por alunos do curso de Educação Artística da UNESP (figuras 13,14 e 15), e utilizado para revitalizações de diversos espaços públicos, principalmente escolas da rede pública.



Figura 01. Centro de Bauru



Figura 02. Centro de Bauru



Figura 03. Centro de Bauru



Figura 04. Centro de Bauru



Figura 05. Centro de Bauru



Figura 06. Centro de Bauru



Figura 07. Centro de Bauru Figura 08. Centro de Bauru



Figura 09. Centro de Bauru



Figura 10. Periferia de Bauru Figura 11. Periferia de Bauru

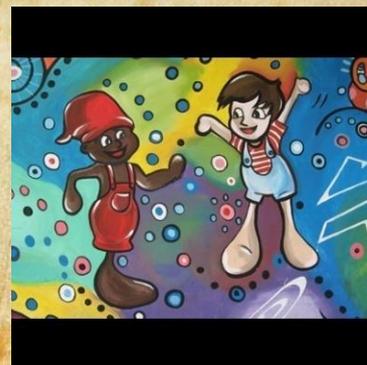


Figura 12. Periferia de Bauru Figura 13. Educação Artística da UNESP

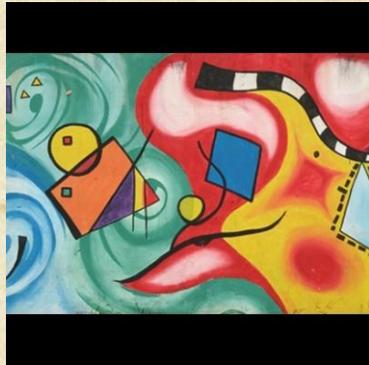


Figura 14. Educação Artística da UNESP Figura 15. Educação Artística da UNESP

Por meio da leitura das imagens acima, percebe-se uma clara diferença na linguagem utilizada por cada um dos três grupos. Cada qual se expressa de acordo com as influências do meio em que vive, agrupando-se em determinado local da cidade, o que por si só já evidencia os objetivos de tais grafites.

Os grafiteiros, bem como seu grupo, sofrem pouca influência das correntes artísticas em voga, seu aprendizado se dá por meio das trocas entre os indivíduos que praticam essa forma de expressão.

Em Bauru ainda existe um grande espaço para o desenvolvimento de novas formas de expressão por meio do grafite, que podem ser implementadas com a crescente troca de informações entre artistas no mundo virtual.

6. Considerações Finais

Atualmente, tanto a pichação como o grafite, devem ser compreendidas como condutas não só de instrumentos de protestos ou de expressão artística, mas sim como uma forma de comunicação, uma nova modalidade de nosso linguajar, pois existe um processo conversacional entre os grafismos em uma rede de sentidos que convive no meio urbano.

Nota-se que nas cidades mais afastadas dos grandes centros, como Bauru, a expressividade do grafite ainda é pequena e suas influências como meio de expressão artística mostram-se tímidas. No entanto, essa falta de desenvolvimento também é clara em outras formas artísticas e culturais, o que demonstra a necessidade de maiores investimentos

financeiros que possam ser utilizados como meio de incentivo para novas discussões e para a busca do desenvolvimento cultural extraído da própria sociedade local.

7. Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, J. **De la seduction: l'horizon sacré des apparences**. Paris: Galilée, 1979.

FONSECA, Cristina. **A Poesia do Acaso (na transversal da cidade)**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1981.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem da População 2007**, Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 abr. 2008.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1974.

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?** São Paulo, Ed. 34, 1996.